

TRAJETÓRIAS DE FOTÓGRAFAS EM PORTO ALEGRE: desdobramentos entre arte, jornalismo e cidade

*Marielen Baldissera*¹

Resumo

Este artigo é resultante de uma pesquisa realizada com mulheres que utilizam a fotografia para se relacionar com o meio urbano na cidade de Porto Alegre - RS. Discuto a questão de gênero a partir de relatos de duas fotógrafas, mostrando como o fato de ser mulher se manifesta na relação com a cidade e revela situações em comum nas trajetórias abordadas. Apresento uma parte dos trabalhos de cada uma delas, em fotojornalismo e em artes visuais, para revelar seus contrastes e aproximações, levando em consideração entrevistas realizadas com suas autoras. Por meio da etnografia de rua e da fotoetnografia busco investigar de que modo essas mulheres se colocam nos espaços da cidade e como utilizam as possibilidades de movimento nas ruas para a criação de imagens. Com a análise de suas fotografias e de seus depoimentos, podemos perceber como elas constroem narrativas, pensamentos e memórias sobre a cidade.

Palavras-chave: fotografia, cidade, mulheres.

OTOGRAPH PATH IN PORTO ALEGRE: developments between art, journalism and city

Abstract

This article is composed of a research carried out on the photographic project of women who use photography to relate to the urban environment in the city of Porto Alegre - RS. I discuss the gender issue from two women's experiences reports, showing how the fact of being a woman changes the relationship with the city and reveals the situations in common in the covered trajectories. I present a part of each one's work in photojournalism and in the visual arts to reveal the contrasts and the approximations between them, taking into account the speeches given in interviews. Through street ethnography and photoethnography, I seek to investigate how women put themselves in the spaces of the city and how they use the possibilities of movement in the streets for the creation of images. With the analysis of their photographs and their testimonies, we can see how they construct narratives, thoughts and memories about the city.

Keywords: photography, city, women.

Introdução

Ao realizar uma pesquisa com mulheres que utilizam a fotografia para se relacionar com o meio urbano, recortei dois diferentes campos de criação de imagens: fotojornalismo e fotografia nas artes visuais. Assim sendo, contatei duas fotógrafas que fazem parte de minha rede de contatos: Camila Domingues e Helena Rocha, sempre levando em consideração que os sujeitos não são fixos em apenas um papel social e podem circular por diferentes meios. Na época da pesquisa de campo, no primeiro semestre do ano de 2017, as duas fotógrafas moravam e trabalhavam na cidade de Porto Alegre – RS.

Camila Domingues, 29 anos, é formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e atualmente cursa mestrado em Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Começou no fotojornalismo desde a época da faculdade, quando foi estagiária no Jornal Hipertexto, da Famecos. Camila tem seu trabalho pessoal e artístico em que utiliza a fotografia relacionada a questões urbanas. Segundo ela, sua fotografia é documental e seus trabalhos têm foco na ideia da cidade como campo de conflito. Helena Rocha, 25 anos, é estudante de jornalismo pela PUCRS e fotojornalista. Começou na fotografia também durante a faculdade, na Famecos, quando entrou para o Núcleo de Fotografia, em 2014. Ela trabalha para a prefeitura de Porto Alegre, no cargo de estagiária no setor de fotografia. Com Helena tive a oportunidade de realizar uma saída de campo para acompanhar uma tarde de seu trabalho, relato essa experiência neste artigo.

É de meu interesse perceber como essas mulheres utilizam as possibilidades de movimentação nas ruas para a criação de imagens. A questão de gênero é abordada para mostrar como o fato de ser mulher se manifesta na relação com a cidade, por meio de depoimentos das duas fotógrafas. Ao entrar em contato com os deslocamentos de duas fotojornalistas/artistas é possível comparar diferentes vivências sobre um mesmo tema. Também apresento em imagens uma parte do trabalho fotojornalístico e artístico de cada uma para revelar os contrastes e as aproximações entre eles.

Pelo fato de eu trabalhar com pessoas já conhecidas minhas e ser fotógrafa como minhas interlocutoras, o movimento que faço nessa incursão é o de “transformar o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978), e encontra-se dentro de uma “alteridade próxima” (PEIRANO, 2006, p. 57). Essa é uma abordagem da Antropologia Social contemporânea, em que o próximo a nós, o que está presente em nosso dia-a-dia é estudado. É a busca de se surpreender com o que já estamos acostumados, redescobrir nosso próprio sistema, reprogramar-se. Ser uma investigadora inquieta e interessada, disposta a ser tomada por surpresas, como fala Mariza Peirano (2008, p. 4): “[...] faz com que seja possível, como sabemos, fazer pesquisa etnográfica em lugares distantes, como em lugares próximos – com as mesmas forças e densidade”.
Trajetórias de fotógrafas

Ao entrar em contato com essas duas fotógrafas e buscar informações sobre suas vidas relacionadas ao seu trabalho, faço uma aproximação com os conceitos de biografia e trajetória localizados nos estudos da antropologia. Segundo Gilberto Velho (2013, p. 64), “nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido, mas constituidor da sociedade”. Para conhecer um pouco da trajetória das interlocutoras realizei entrevistas biográficas semiestruturadas e informais com elas.

A partir dessas conversas, apesar de breves, pude conhecer diversos fatos da vida das entrevistadas relacionados às suas carreiras na fotografia. Realizei este trabalho utilizando algumas metodologias e teorias provenientes do campo da Antropologia,

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Poéticas Visuais pela UFRGS. Bolsista CAPES. marielen.baldissera@gmail.com

como as entrevistas mencionadas, o diário de campo, fotografias e etnografia de rua. A etnografia urbana foi empregada em conjunto com Helena, em uma saída de campo em que produzi imagens (fotografias espontâneas e retratos posados) utilizando o método da fotoetnografia, no qual me aprofundarei mais adiante. Após essa saída também escrevi um diário de campo com base em minhas memórias, em que relato a vivência o mais detalhadamente possível, a partir de meu ponto de vista. Segundo Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2003, p. 3): “O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano”.

Ao me comunicar com esse “outro”, direcionei as perguntas para um papel exercido por elas: o de fotógrafa. Dentro de uma biografia, o sujeito pode exercer diferentes papéis sociais em diferentes contextos, cabe ao etnógrafo compreender e recortar das conversas vividas o que é de interesse para a pesquisa. Rocha e Eckert (2013, p. 120) refletem sobre os relatos de vida:

No método etnográfico, os relatos de vida são apreendidos como a maneira singular do sujeito cognoscente de interpretar experiências de vida numa ordenação temporal que lhe faça sentido, exteriorizando valores encarnados no cotidiano em sua forma singular de interagir nos diversos processos de socialização, de se relacionar nas redes múltiplas, evidenciando a complexidade das tramas cotidianas de inserção nos contextos sociais, da negociação dos papéis e performances demandados, da estruturação do eu (self) e do desempenho no ato comunicativo/vivido.

É importante demarcar o contexto geracional e social em que as duas fotógrafas estão inseridas. Ambas são jovens, na faixa dos vinte a trinta anos de idade, estão no início de suas carreiras e trajetórias sociais. Também tiveram contato com o mesmo curso universitário: Jornalismo na PUCRS. A fotografia, por exigir equipamentos tecnológicos para a sua elaboração, dispense custos e, geralmente é exercida por uma parcela da população mais privilegiada economicamente, que possui condições financeiras de comprar câmeras, lentes objetivas e computadores ou que tenha acesso a estes no ambiente de trabalho e estudo.

Helena e Camila contam que entraram no universo da fotografia, mais especificamente do fotojornalismo, durante a graduação na PUCRS. Camila começou a trabalhar como fotógrafa no jornal *Correio do Povo* um pouco antes de sua formatura. Posteriormente, trabalhou para o jornal *Zero Hora*. Atualmente ela abandonou o fotojornalismo, está cursando mestrado em Urbanismo na UFRGS, e concentra sua produção em trabalhos fotográficos pessoais/artísticos. Helena estagia na prefeitura de Porto Alegre há um ano, realizando fotoassessorismo e também fotojornalismo. Ela explica a diferença entre os dois termos:

Fotojornalismo é uma fotografia da notícia, do fato. Agente assessora imageticamente a prefeitura de Porto Alegre, o gabinete do prefeito. Então acho que sempre tem um posicionamento de fazer com que aquilo que a gente tá retratando seja visto de uma maneira positiva. Tem essa diferença. É uma assessoria fotográfica.

Helena também tem o seu trabalho pessoal e artístico com a fotografia. O que nos leva a pensar na perspectiva de “projeto de vida” a que Velho se refere. Os projetos de vida estão intimamente ligados com individualidade, memória, trajetória e biografia, “[...] o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em

que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos” (VELHO, 2013, p. 65). O projeto não é único, podem existir vários ao mesmo tempo, eles podem combinar entre si e trabalhar em conjunto, ou até mesmo convergir de maneira radical:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são completos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios (VELHO, 2013, p. 137).

A ideia inicial desta pesquisa era dividir as fotógrafas em categorias distintas, como fotojornalista ou artista. Havia pensado em Camila como artista, por ter deixado o jornalismo para trás, e Helena como fotojornalista. Após começar a aproximação com o campo e as entrevistas percebi que seria muito limitante utilizar uma ideia tão fechada, pois as duas circulam por diferentes papéis e executam hibridismos, com diferentes projetos de vida que se aproximam em alguns momentos e, em outros, são completamente divergentes. O ponto de encontro que pude perceber entre seus projetos de fotojornalistas e artistas é a temática do urbano. Levando isso em consideração, procurei investigar sobre a maneira como essas duas mulheres se relacionam com o ambiente citadino ao executar seus trabalhos fotográficos.

Para Camila, o urbano é muito presente em sua vida, de uma forma intrínseca. Talvez por estar desenvolvendo um projeto de mestrado em Urbanismo e diversos outros projetos paralelos, ela possui propriedade de fala e consegue enxergar de que maneira esse assunto aparece em sua biografia e vira temática para fotografia:

O meio urbano tá associado a minha vida de todas as formas porque eu sou uma pessoa que sempre viveu na cidade. Diferente de grande parte das pessoas que veio do interior, que tem parentes no interior, eu nunca tive isso. Todos os meus familiares e toda a minha vida sempre aconteceu na cidade, sempre foi muito urbana, minha infância sempre foi muito urbana. Então, eu comecei a descobrir que isso estava muito presente na minha vida e na forma que eu encarava a vida, eu não me relaciono bem com a natureza. É uma coisa estranha pra mim. E ao mesmo tempo em que eu me relaciono bem com o meio urbano eu tento entender ele, tento entender o que tem por trás dele. O jornalismo me possibilitou ver essas diversas faces da cidade, sabe, do espaço urbano. Porque no jornalismo tu é obrigada a ir para universos que tu não imagina que existem dentro da cidade. No jornalismo eu tive essa visão, e quando eu saí do jornalismo, que eu disse que não queria mais fotografar para veículos diários ou fazer fotojornalismo, esse tema ainda estava muito latente em mim, e eu sentia a necessidade de transformar, utilizar ele no meu discurso fotográfico. E aí eu comecei a pensar, eu sempre tive a intenção de ter um grande tema, de ter uma grande motivação para fotografar, não simplesmente fazer projetos aleatórios. Eu comecei a ver que o espaço urbano era central nisso, nessa história. Um espaço urbano principalmente como espaço de conflito entre as pessoas entre si ou entre as pessoas e o próprio espaço era algo que me chamava a atenção.

Helena, por trabalhar para a prefeitura e cobrir pautas pela cidade de Porto Alegre, está constantemente em contato direto com o meio urbano. Mas a reflexão sobre sua relação com o urbano está em fase de construção, de um dar-se conta das conexões.

Pude notar que ela se surpreendia com algumas perguntas minhas sobre o tema e percebia que nunca havia pensado sobre. Ela fala:

Eu me desloco o tempo inteiro pela cidade. [...] E eu acho que o que mais aparece nessa relação é a descoberta de lugares novos, de lugares que eu não tenho oportunidade de ir se não através da fotografia e da prefeitura. E também tem a relação de retratar a cidade por meio da assessoria pela prefeitura né, que é registrar positivamente a cidade. Ou não, que nem eu fiz o confronto da guarda municipal antes. Ali foi bem fotojornalismo, não teve um viés positivo ou negativo.

Helena geralmente recebe as pautas que deve cobrir no dia anterior ao acontecimento, ou, em alguns casos, no mesmo dia. Ela se desloca pela cidade a pé ou de carro, acompanhada por um motorista da prefeitura, dependendo da distância do local em que a pauta irá ocorrer. Tive a oportunidade de acompanhar ela em uma pauta na Vila das Laranjeiras, no dia 27 de junho de 2017, em que um grupo de pessoas da Secretaria Especial dos Direitos Animais (SEDA) estava circulando pelo bairro e aplicando vacinas nos cães da comunidade. Segue um trecho do meu diário de campo em que relato minha experiência:

Conseguimos achar a equipe da SEDA no final da Rua Cinco. Helena e eu descemos do carro, ela já com a câmera na mão e colete de equipamentos vestido, enquanto Bruno estacionou e ficou nos esperando. Helena se apresentou às trabalhadoras, disse que era da prefeitura e veio para fotografar a ação. Apresentei-me como acompanhante de Helena, e também peguei a minha câmera para fazer algumas fotos. O grupo iniciou o trajeto, saindo do ponto de encontro em uma das casinhas da vila, seguindo para uma casa na encosta da pedreira. O grupo era formado por cinco mulheres, três com identificação da SEDA, que recolhiam e passavam informações aos moradores, e duas com coletes brancos com identificação da “Medicina Veterinária”, que aplicavam as vacinas. Havia dois homens com coletes da Cootravipa (Cooperativa de Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre), que faziam um trabalho mais físico, de carregar caixas e imobilizar os cachorros com uma corda. Pelo que pude entender, elas fazem esse trabalho já há algum tempo, e conhecem os moradores e os cachorros da Vila. Helena não conversou muito com as pessoas, não recolheu informações jornalísticas, apenas fotografou. Ela disse que o trabalho dela naquele momento é apenas fotografar, depois que as fotos estão editadas, são colocadas em um banco de dados, de onde os jornalistas as selecionam para acompanhar suas matérias. Não havia nenhum jornalista escrevendo a matéria no mesmo dia conosco, eles podem fazer essa parte do trabalho em outro momento. Seguíamos junto com o grupo, enquanto elas iam de casa em casa, recolhendo os dados dos moradores e aplicando as vacinas nos cachorros. Também marcavam com alguns uma data para realizar a castração dos animais. Não ficamos muito tempo com o grupo, por volta de meia hora, tempo suficiente, segundo Helena, para conseguir as imagens necessárias para esta pauta.

Nessa saída de campo levei comigo uma máquina fotográfica, como costumo fazer quando vou para lugares que tem potencial para boas fotografias. Esse método está presente em minha vida como fotógrafa/artista e também ao me inserir no

meio antropológico, principalmente na Antropologia Visual, pois como diz José da Silva Ribeiro (2005, p. 628), “a câmara fotográfica (e por vezes a cinematográfica) acompanhou quase sempre o antropólogo em suas deslocalizações”. Rocha e Eckert (2003, p. 22) concordam, ao abordar especificamente a etnografia de rua:

No decorrer desta experiência etnográfica na rua, no bairro, na cidade, a introdução de instrumentos audiovisuais como a câmera fotográfica e/ou a câmera de vídeo, passam a fazer parte do seu olhar e atitude de coleta de dados de pesquisa: o exercício de etnografia de rua, inclui então, “a câmera na mão.”

Podemos fazer um exercício de comparar as fotografias produzidas nesse dia por Helena (Figs.1, 2 e 3) e por mim (Figs. 4, 5 e 6), criando um jogo de narrativa imagética em que dois olhares se cruzam e se complementam. Nas fotografias de Helena, podemos ver a “fotografia eficiente” a que Milton Guran (1991, p. 5) se refere: “No fotojornalismo o que importa é a eficiência da foto em transmitir com clareza uma determinada informação jornalística. Para nós foto boa é foto eficiente.” Suas imagens são produzidas com a preocupação de documentar um acontecimento de forma clara e informativa. Já o meu olhar deteve-se em detalhes do local que pudessem passar informações e sensações de outro ponto de vista além do fato que estava acontecendo (a vacinação dos cachorros dentro da Vila).



Figuras 1, 2 e 3: Helena Rocha: Unidade de Medicina Veterinária (UMV) realiza atendimento de animais comunitários na Vila das Laranjeiras – 27.06.2017. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/prefeituraportoalegre/albums/72157683491221210>

Figuras 4, 5 e 6: Marielen Baldissera: Fotos que fazem parte do ensaio sobre um dia de trabalho da fotógrafa Helena Rocha. Fonte: acervo pessoal da fotógrafa. Para contextualizar o olhar fotográfico sobre o assunto, utilizo o método da fotoetnografia, termo cunhado pelo pesquisador Luiz Eduardo Robinson Achutti. Séries de imagens fotográficas para comunicar uma ideia, um conceito, são muito utilizadas nas Artes Visuais e na Antropologia, como ele explica:



O que parece interessante para a antropologia é a utilização da fotografia para trabalhar além das aparências, [...] isso para tornar-se um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro. É o que caracteriza a fotoetnografia, a fotografia como escritura por inteiro, quando se para de recorrer às palavras para se deixar levar em uma viagem visual reveladora, abrigando o inefável que igualmente encerra conhecimento e sentido. (ACHUTTI, 2004, p. 87)

Tomando a fotografia como uma escritura e saindo dessa experiência de campo específica para voltar a falar das trajetórias das fotógrafas Camila e Helena, proponho-me a fazer uma leitura do trabalho imagético das duas fotógrafas pesquisadas, relacionando suas criações na área do jornalismo e das artes visuais.

Sobre fotografia: trabalho autoral e trabalho jornalístico

As duas personagens presentes nesta pesquisa realizam trabalhos tanto no fotojornalismo quando na criação artística. Em sua produção, a temática urbana é recorrente e aparece em diversas fotografias de Camila e Helena, de diferentes modos. As imagens criadas podem ser lidas como uma forma de narrativa sobre a cidade, fazendo um paralelo com a citação de Rocha e Eckert (2013, p. 130): “A descrição da cidade, que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes, tanto quanto na do etnógrafo, que reinterpreta as interpretações dos habitantes cujas trajetórias ele pesquisa.” A

descrição que as fotógrafas fazem é imagética, uma forma de linguagem, que também é utilizada como material para a Antropologia Urbana, Visual e da Imagem. Durante as entrevistas, incentivei-as a comentar sobre seus trabalhos pessoais que tivessem envolvimento com a cidade. Helena Rocha comentou sobre um trabalho em que fotografa a sua avó Ivone (Fig. 7):

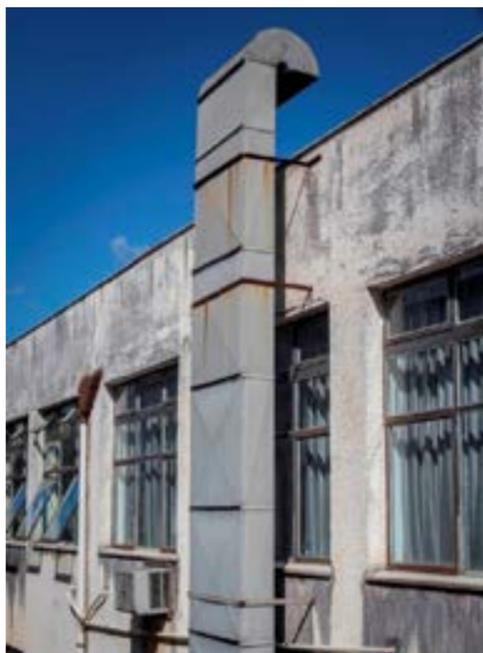
Eu faço um trabalho com a minha vó, que é um retrato dela como personagem também e essa relação que ela tem de transformação, na idade dela, que é uma idade avançada, em que normalmente as pessoas tendem a se estagnar, e ela não. Ela, depois que o meu vô faleceu, acho que ela se sentiu mais livre e começou a usar roupas super coloridas, e agora tem um brechó. Só que ela mora dentro de um bairro, que o bairro não cresce, tá sempre igual, é um bairro fantasma, então eu fico imaginando ela se transformando dentro de um lugar que está parado, é uma contradição bem grande.



Figura 7: Helena Rocha: Ivone, 2016. Fonte: acervo pessoal da fotógrafa.

Camila Domingues trouxe um projeto sobre um bairro de Porto Alegre chamado IAPI (Figs. 8 e 9). Segundo ela, esse provavelmente é o projeto de sua vida, aquele que ela nunca irá acabar.

O que é o IAPI, o IAPI é o conjunto habitacional mais antigo do Brasil. Eu sempre parto de alguma informação e vou reinterpretar da minha forma. Ele é o primeiro conjunto habitacional do país, isso é muito grande, é muito importante, é um marco. Ele está totalmente degradado e descaracterizado. [...] eu nasci lá. A minha vó foi uma das dez primeiras moradoras do bairro. Várias gerações da minha família... Tem essa questão, será que eu vou falar que é minha família ou não? Enfim, é minha família né, me criou. Mas, desde a minha infância morei lá, todas as gerações depois da minha vó moraram lá. Então é um espaço que eu domino. Se eu tivesse que delimitar um espaço em Porto Alegre que eu domino totalmente é aquele.



Camila se sentiu mais confortável em falar sobre outros projetos, como o “Intrusos”, ensaio que versa sobre a violência no trânsito e os atropelamentos de ciclistas. Ela fotografou espaços da cidade onde as pessoas foram vitimadas, tentando tirar a referência humana da imagem. Para a fotógrafa, esse trabalho marcou muito a sua “[...] transição entre o jornalismo e uma fotografia mais artística”. Ele já tem certa finalização, diferente do projeto do IAPI, que está em andamento, sem muitas certezas de para onde vai seguir. Para esse escrito, é importante mencionar o “IAPI”, por se relacionar com o trabalho de Helena: ambos partem de uma personagem afetiva e feminina, a avó, e se deslocam para a cidade. Esse modo de se relacionar com o outro, com as imagens, biografias, histórias das pessoas e das cidades, aproxima o método de trabalho de artistas e antropólogos, como bem coloca Stéphane Malysse (2005, p. 741):

Artistas e antropólogos compartilham da mesma dimensão prática de suas atividades, nas quais eles se apropriam do e representam o Outro. Tanto os artistas quanto os antropólogos trabalham com os conceitos de distância e de intimidade, uma intimidade ligada às práticas de pesquisa e às formas de descrição utilizadas. Ambos sabem lidar e se situar entre o público e o mundo, entre o dentro e o fora, entre o individual e o coletivo.

Ao mesmo tempo em que possuem esses e outros trabalhos pessoais com fotografias mais poéticas e conceituais, as duas têm proveniência e treinamento no fotojornalismo, em que o foco é a informação. Solicitei que me enviassem algumas imagens que, para elas, resumissem o seu trabalho jornalístico. Escolhi duas fotografias (Figs. 10 e 11) com linguagem reconhecidamente jornalística para contrastar a diferença que existe entre os dois campos de trabalho das fotógrafas.

São imagens que, como as feitas por Helena na pauta da Vila das Laranjeiras, servem para uma “fotografia eficiente”. Guran explica o termo, em entrevista à Ana Maria Mauad (2009, p. 34):

Fotografia eficiente é aquela que traduz com eficácia, com eficiência, que veicula a informação para a qual ela foi produzida. [...] Porque a foto eficiente é aquela que é eficiente na sua função de levar adiante

uma determinada informação e isso é resultado da boa utilização da linguagem fotográfica a serviço desse determinado fim. Ambas são bem compostas e trabalham com camadas de informações, possuem um cuidado estético, como as fotografias dos projetos pessoais, mas não estão inseridas dentro de um contexto artístico. A fabricação de imagens pertinentes a estes dois campos, mostra a capacidade de circulação das personagens entre a arte e o jornalismo.



Figura 10: Camila Domingues: Manifestação no centro de Porto Alegre contra a PEC 55, 2016. Fonte: acervo pessoal da fotógrafa.



Figura 11: Helena Rocha: Incêndio no ônibus “731 Parque dos Maias-Sertório” no terminal Parobé, 2017. Fonte: acervo pessoal da fotógrafa.

Essa conciliação entre dois universos de trabalho é algo comum aos artistas, independente da área: músicos, fotógrafos, pintores, atores. Devido ao pouco incentivo que existe para a área da cultura nas políticas públicas e o comportamento da maioria dos artistas de “[...] desdém pelas regras da sociedade em geral” (BECKER, 2009, p. 123), as pessoas que decidem trabalhar com o ramo da arte, geralmente precisam ter atividades extras para poder sobreviver. Outra opção é ajustar o seu lado artístico a uma atividade não tão distante, mas que possa gerar ganhos monetários garantidos, como coloca Howard Becker (2008, p. 96):

Outros artistas têm empregos que fazem parte do mundo da arte, embora não como artistas. Os pintores podem trabalhar como emolduradores, compositores como orquestradores, romancistas e poetas como editores. Em um arranjo comum, ensinam a arte que praticam, nas escolas primárias e secundárias, nas escolas profissionais de arte e como professores particulares.

Becker (2009, p. 122) também menciona um dilema na vida de músicos de jazz, que se ajustam como bons profissionais dentro do próprio meio artístico, mas sem executar criações próprias, o que pode ser relacionado com a vida de grande parte da classe artística: um modo de ajustar-se às realidades do trabalho sem sacrificar o autorrespeito é adotar a orientação do artesão. O músico que faz isso não está mais preocupado com o tipo de música que toca. O que o interessa é unicamente se a toca corretamente, se possui as habilidades necessárias para fazer o trabalho como deve ser feito.

O trabalho do fotojornalismo, quando colocado em oposição ao trabalho artístico, se aproximaria mais à orientação do artesão. Mas eles não estão sempre em oposição, pois as duas conseguem inserir seu olhar artístico dentro da produção do jornal. A personalidade e a bagagem de cada fotógrafa refletem na construção de suas imagens para os meios de comunicação, apenas o esquema de pensamento é diferenciado. Seja de maneira proposital e pensada ou inconscientemente, devido a possuir um olhar educado visualmente, composições mais elaboradas e ousadas aparecem em fotografias que elas selecionaram classificando como fotojornalísticas. As duas confessaram que essas fotos em que buscavam inserir seu olhar pessoal raramente são escolhidas para serem publicadas. Ao mesmo tempo, o fotojornalismo se insere nas produções artísticas, de alguma maneira, como fala Camila:

Bom, já que eu saí do jornalismo e fui pra arte, eu sempre tento dialogar com os meus pares né. Eu vou tentar dialogar mais com a classe artística do que com os fotojornalistas, obviamente. Mas eu acho que por trás o meu trabalho sempre vai ter um viés político, eu nunca vou fazer arte pela arte. Nunca, nunca, nunca. Respeito quem faça, mas eu não consigo fazer. Então eu sempre vou tentar dialogar com a sociedade como um todo.

Nesse momento, Camila havia deixado para trás a área da fotografia de informação, e Helena, ao final da entrevista, confidenciou de forma rápida que não estava mais satisfeita com o formato do jornalismo, pois a deixa “dura”. As duas disseram estarem descontentes com o ramo do fotojornalismo, e empenhadas em focar mais em seus trabalhos pessoais. Essa busca por novos rumos está ligada com os diferentes projetos que Velho (2013, p. 138) menciona e suas transformações ao longo da vida:

Os projetos, como as pessoas, mudam, ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos.

Camila também se deu conta de que o fato de estar com um pensamento mais voltado para as questões de gênero, feminismo e falar sobre mulheres, devido à inserção no coletivo Nítida e outras vivências, teve reflexo em sua fotografia e no modo como ela se colocava no trabalho para o jornal:

É sempre um processo que tu vai te dando conta de até onde vai o teu domínio da imagem. E eu, quando eu voltei agora pro jornalismo, tava trabalhando na Zero Hora e eu fiz uma pauta no final de semana para o Segundo Caderno, que era um encontro Medieval, tipo um cosplay medieval em Charqueadas. E aí fiz várias fotografias e virou contracapa da Zero Hora, e a foto principal era uma mulher golpeando um cara em uma luta. E essa mulher me achou no Facebook e foi falar comigo, me pedir as fotos, ela tinha ficado muito feliz, porque ela tava numa posição de destaque e ela queria comprar as fotos. Daí tá, beleza, resolvi isso, e depois eu fiquei pensando “Poxa, tinha um monte de homem, ela era a única mulher lutando, e por que eu, de alguma forma, inconscientemente fotografei essa mulher, fotografei muito ela, e selecionei as fotos em que ela estava em uma posição de poder?” [...] Será que por ser mulher eu me identifiquei com ela? E depois eu me dei conta de que quando eu ia para os protestos, eu sempre priorizava colocar mulheres à frente, ou mulheres em posição de ação.

As duas relataram que o fotojornalismo é um meio muito masculino e ainda muito machista. Helena trabalha em uma equipe de seis pessoas e ela é a única mulher. Essa relação entre mulheres, produção de imagem e o meio urbano foi abordada durante as entrevistas e é discutida no próximo subtítulo.

Mulheres e o urbano

Pensando no recorte de gênero que faço ao estudar apenas mulheres fotógrafas e o modo como elas produzem imagens na cidade, é inevitável falar sobre as diferenças entre o masculino e feminino no meio urbano. A cidade não era e não é um lugar de liberdade para as mulheres como foi e é para os homens, a vivência de ambos no espaço é bastante diferenciada. As cidades não foram construídas pensando nas necessidades e problemas das mulheres, talvez pelo consenso inicial de que a mulher pertence ao mundo privado e o mundo público e o viver social pertencem ao homem (POLLOCK, 1988, p. 67). O lugar da mulher por excelência era o espaço doméstico, esse fato (entre muitos outros) não contribuía para que elas se tornassem grandes artistas. Mary Bashkirtseff, uma artista russa de família nobre, escreveu longos diários entre os anos de 1860 e 1884, em que contava sobre sua situação e lamentava sobre como a privação de uma circulação total dificultava seu desenvolvimento no mundo das artes:

O que eu desejo é a liberdade de andar por aí sozinha, de ir e vir, [...] de parar e olhar para as lojas de arte, de entrar em igrejas e museus, de andar pelas ruas antigas à noite; Isso é o que eu almejo; e essa é a liberdade sem a qual não se pode se tornar um verdadeiro artista (BASHKIRTSEFF, 1889).

Já os homens tinham todo o acesso às ruas para criar livremente, e usufruíam dele em larga escala. Era algo tão comum que na época da modernidade surgiu o famoso flâneur, uma figura masculina que caminhava pelas ruas da cidade sem compromisso, observando o que acontecia ao seu redor, mesclando-se na multidão que surgia com o crescimento das cidades modernas. Isso seria algo inimaginável para as mulheres, pelos motivos que Griselda Pollock (1988, p. 71) cita:

As mulheres não desfrutavam da liberdade de andar anônimas na multidão. Elas nunca foram as ocupantes normais do domínio

público. Elas não tinham o direito de olhar, de encarar, examinar ou observar. Como o texto Baudelairiano passa a mostrar, as mulheres não olhavam. Elas estão posicionadas como o objeto do olhar do flâneur.

Como ela coloca, o poeta Charles Baudelaire escreveu sobre esse observador urbano, como também o filósofo Walter Benjamin. O flâneur ficou muito ligado à figura do fotógrafo de rua, pois basta acrescentar uma câmera ao personagem do caminhante e assim ele passa a produzir imagens em suas deambulações. Poderíamos assim fazer uma flexão de gênero, colocando a fotógrafa de rua e a artista que perambula pela rua como o feminino do flâneur, a flâneuse, mas esse jogo de palavras não é tão simples, como explica Lauren Elkin (2016): “Talvez a resposta não seja tentar fazer uma mulher caber em um conceito masculino, mas redefinir o conceito em si. [...] Em vez de vagar sem rumo, como seu oposto masculino, a flâneur fêmea tem um elemento de transgressão: ela vai para onde ela não deveria ir.” Na intenção de redefinir o conceito, é necessário buscar as flâneuses contemporâneas e estudar sobre como elas interagem com o ambiente da cidade. Seria muito mais confortável permanecer no espaço doméstico que foi reservado às mulheres, afinal, como dizem Michel de Certeau e Luce Giard (2013, p. 207), “o espaço privado é aquela cidade ideal onde todos os passantes teriam rostos de amados, onde as ruas são familiares e seguras, onde a arquitetura interna pode ser modificada quase à vontade.” Mas muitas mulheres não se contentaram com essa condição e saíram às ruas em busca do outro, e continuam saindo.

Referir-se ao contexto histórico funciona como um agente provocador para que comparações com o presente sejam feitas. Ocupar a rua e ter o domínio de seu próprio olhar, na recusa de ser um objeto a ser olhada, ainda se constitui como um ato de transgressão. Interessa-me pesquisar as mulheres que assumem a posição de quem define, e não de quem é definida, mesmo que seja apenas no momento de criação de imagens. Mulheres artistas e fotógrafas existem muitas, mas, ao deixar clara a importância do gênero, uma tomada de discurso é assumida. Busco entender o olhar delas e de que maneira a sociedade é transformada em imagem a partir desse olhar, que não necessariamente faz parte de um imaginário “feminino”, mas que vem de um lugar social, político e identitário construído a partir de convenções e vivências. O fotojornalismo carrega em seu âmago a ideia de sair para as ruas para fotografar. Como disse a fotógrafa Sabine Weiss, a fotografia aliada ao jornalismo era um meio para as mulheres poderem ver tudo, chegar em todos os lugares, conversar com todas as pessoas (ROSENBLUM, 2010, p. 185). Dou ênfase aqui para alguns relatos das duas fotógrafas entrevistadas em que elas contam como é ser mulher, fotojornalista, e circular pela cidade. Camila fala que:

É muito difícil ser mulher e trabalhar na rua. É muito difícil hoje fotografar na rua, em geral. Ser mulher especialmente é muito pior. Porque a gente vive numa sociedade machista, a gente vive numa sociedade insegura e eu tenho medo de sair pra rua sem câmera, eu me sinto vulnerável a qualquer momento, se eu estou sozinha, principalmente, na rua.

Ela também sente diferença no tratamento que as pessoas tinham com ela e com seus colegas homens na época em que trabalhava diariamente para jornal: “[...] eu vejo que o entorno encara o fotógrafo homem diferente da fotógrafa mulher, as pessoas. Os caras mexem contigo, os caras querem conversar contigo, querem perguntar... Entende? Parece que tu é mais acessível.” Já Helena sente menos diferença de tratamento na rua, mas percebe mais estranhamentos na relação interpessoal com seus colegas de profissão:

Eu nunca fui assediada, mas eu já senti olhares, sabe, eu já senti uma coisa que não é tangível, que é mais algo intangível ao ser mulher e estar fotografando. Mas eu sinto isso. Eu sinto, por exemplo... Hoje aconteceu algo do tipo que é os meus colegas de trabalho comentando de eu estar com uma regata.

Ela continua:

Aí vai de pessoa pra pessoa, não sei se é uma tendência natural de homens, mas não é a primeira vez que o meu chefe deixa de me escutar em algum tipo de opinião porque ele acredita que ele sabe mais que eu. Isso já aconteceu várias vezes. De assuntos que eu até dominava, sabe, isso é difícil. Levar uns cortes por isso. Mas têm piadinhas no Whatsapp, de mulher, eu sou ali a única mulher e eu me sinto às vezes meio constrangida, já rolou várias vezes de a gente estar em pauta e eles ficarem falando de mulher e eu tô ali no meio, e me sinto... “O que que eu tô fazendo aqui?” sabe?

A questão da roupa é algo que incomoda muito Helena no seu dia-dia profissional. Quando perguntei se ela já sentiu medo ou desconforto em alguma pauta pelo fato de ser mulher, ela responde: Acho que sim, mas nada que me impedisse de trabalhar. Acho que no confronto ali, apesar de eu saber me colocar, saber o que tenho que fazer no meu trabalho, às vezes eu fico um pouco com receio. Principalmente por causa da roupa. Isso é o que me deixa muito de mãos atadas ao fotografar. Porque nem sempre eu quero estar de calça jeans e uma blusa que me cubra, às vezes tá muito quente. Às vezes eu tô de macacão e meia calça daí eu já me sinto bonita demais para estar fotografando, parece que tu tem que ser completamente invisível. Isso me perturba. Eu não posso ser realmente quem eu sou, fotografando.

Quanto ao posicionamento de se colocar na rua, as duas tem falas parecidas, Helena diz que “Eu não percebo isso porque também é muito parte de mim me colocar de uma maneira agressiva sabe? Aquela coisa de que tu precisa marcar teu território dentro dessa galera do fotojornalismo.” Algo com que Camila concorda, segundo ela:

[...] eu acho que eles (os colegas homens) eram mais bem aceitos. Não sei se eu tinha uma posição diferente em relação da deles, sabe. Porque eu tinha que encarar aquilo, eu não podia... quando tu tá no fotojornalismo, se tu recua, eles te engolem, então tu tem que te colocar.

As “táticas” que as mulheres que ocupam a rua têm de utilizar, esse “saber se colocar”, estão relacionadas com o que fala Michel de Certeau (1998, p. 100): “A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.” As mulheres fotojornalistas, em um meio majoritariamente masculino, precisam se impor e criar modos de sobrevivência, abrir espaço para a possibilidade de execução de seu trabalho. Trabalho esse que já é difícil em sua essência, mas, para elas, existem dificuldades diferentes, relacionadas diretamente com seu gênero feminino. Como, por exemplo, a questão da vestimenta, elas precisam escolher a roupa que irão usar pensando nas consequências, na maneira que uma blusa mais aberta irá influenciar na forma como serão lidas e tratadas. As micro táticas executadas durante o cotidiano de trabalho acabam por influenciar em como elas interagem com o espaço da rua e criam suas imagens.

Mesmo não escolhendo temáticas explicitamente feministas ou que lidem com o fato de “ser mulher”, essa questão está intrínseca, e acaba por aparecer quando suas experiências são compartilhadas e descritas em detalhes.

Conclusão

Esta conclusão não se propõe a um fechamento, mas sim a uma abertura para novos empreendimentos etnográficos e fotoetnográficos no mundo das mulheres produtoras de imagens e sua relação com a cidade. Como toda pesquisa, esta se transformou durante o seu decorrer, na medida em que as conexões e surpresas foram se apresentando e, para mim, justamente nesse processo de descoberta que reside o prazer de pesquisar. Falei sobre criadoras de imagens, sobre as imagens que elas criaram em diferentes campos de atuação e, eu mesma criei imagens durante o processo. A conexão para todas essas imagens fotográficas sempre foi o tema do “urbano”, aliando as áreas da Antropologia Urbana e da Antropologia Visual.

Ao comparar o trabalho de duas fotógrafas que se inserem no meio do fotojornalismo e da arte percebi que esses projetos se mesclam, se aproximam e se afastam, dependendo do momento de vida, dos objetivos colocados e das pessoas envolvidas. Também foi possível realizar uma aproximação do processo de criação fotográfico. Ao reconhecer a fotografia como produto das referências e da história de vida de suas autoras é preciso fazer um recorte de gênero. O fato de ser mulher é uma das questões que une as trajetórias de Camila e Helena e que traz situações em comum nas vidas das duas fotógrafas. As mulheres estão na cidade de modo diferente dos homens, e isso se reflete em sua produção imagética. De que maneira isso acontece? O tempo dispendido para a construção desse trabalho foi reduzido, sendo assim não foi possível realizar grandes aprofundamentos na biografia de cada uma delas. Imersão e convívio prolongado seriam necessários para realizar uma escrita mais consistente e chegar a conclusões mais elucidativas, mas esse desejo de um mergulho no assunto fica guardado e latente para pesquisas futuras. Ao acompanhar duas fotógrafas que estão em uma condição social e geracional muito próxima, uma pequena parte desse mundo foi analisada, mas a diversidade que pode ser encontrada apenas na cidade de Porto Alegre é muito rica e merece ser investigada. Existem muitas mulheres produzindo, não apenas fotógrafas, mas também artistas que utilizam outros meios, que podem se inserir diretamente na urbe, como grafites, lambes, stickers, estênceis, instalações, etc. Essa é a base de minha pesquisa de doutorado, em que busco encontrar mulheres que produzem imagens da e na cidade para falar sobre suas trajetórias, criações, anseios, dificuldades, imaginários e táticas. Mulheres que vão contra o que lhes é imposto, ocupando o espaço urbano e agindo sobre ele, construindo narrativas, pensamentos e memórias sobre a cidade que habitamos.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

BASHKIRTSEFF, Marie. The Journal of a Young Artist, 1860-1884. New York: Cassell and Company, 1889.

BECKER, Howard. Art worlds. Berkeley: University of California Press, 2008.

_____. Howard S. Outsiders: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DaMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DE CERTEAU, Michel. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Vol 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

ELKIN, Laura. 2016 “A tribute to female flâneurs: the women who reclaimed our city streets” Disponível em: <https://www.theguardian.com/cities/2016/jul/29/female-flaneur-women-reclaim-streets?CMP=fb_a-cities_b-gdncities> Acesso em Agosto de 2016.

GURAN, Milton. Linguagem fotográfica e informação. Dissertação de mestrado. UNB, Brasília, 1991.

MALYSSE, Stéphane. Entre arte e antropologia: diálogos e apropriações. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 2005, v 48, n 2. Pp 739-747

MAUAD, Ana Maria. Milton Guran, a fotografia em três tempos. Studium 28, Unicamp, Inverno 2009.

PEIRANO, Mariza. A alteridade em contexto: o caso do Brasil. In. PEIRANO, Mariza. A Teoria vivida: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Revista Ponto Urbe, ano1, n.2, Universidade de São Paulo, 2008.

POLLOCK, Griselda. Vision & difference. Femininity, Feminism and the Histories of Art. London: Routledge, 1988.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 2005, v 48, n 2. Pp 613-648

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. Revista Iluminuras, Porto Alegre, RS v.4 n.7, 2003.

ROSENBLUM, Naomi. A history of women photographers. New York: Abbeville Press, 2010.

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana. [Org: Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro.] Rio de Janeiro: Zahar, 2013.